

11 JUN 1985

11 JUN 1985

# Hora de governar *Samuel*

Faz hoje um ano que o então senador José Sarney deixou a presidência do PDS, irritado porque o presidente Figueiredo recuava de sua concordância com a realização das prévias para escolha do candidato partidário. Ninguém, na ocasião, poderia supor que esta atitude tomada por questões morais, tivesse extraordinária consequência política e fosse, na prática, um dos marcos da queda do regime revolucionário.

Naquele momento parecia que o deputado Paulo Maluf ocupara a última cidade de resistência às suas pretensões, enquanto os adversários, desarmados, não apenas batiam em retirada, mas estavam condenados a enrolar as bandeiras. Foi, claro, uma interpretação errônea porque, junto com Aureliano Chaves, Marco Maciel e Jorge Bornhausen, para citar os mais destacados, Sarney transformou os descontentes em um grupo unido que, no início de outubro, já podia festejar a derrota de Paulo Maluf.

O episódio demonstra que a tranqüilidade de Sarney na presidência do PDS não resultava de qualquer indecisão, mas sim da cautela necessária para quem tem a responsabilidade de decidir. Faz parte do acontecimento a troca de cartas ásperas entre Sarney e Figueiredo, até hoje não reveladas. O tom, ao que se sabe, assemelhou-se muito ao em que o hoje ministro Antônio Carlos Magalhães expôs o ex-ministro da Aeronáutica e deu um basta nos pronunciamentos militares como normas de conduta política na democracia brasileira. Pelo menos, por enquanto.

As alterações ocorridas nesse ano comprovam, para quantos acreditam na força do destino, que José Sarney estava predestinado à Presidência da República. A não — aceitação da vice por Nelson Marchezan e pelo senador Marco Maciel, por razões diversas, e a morte do presidente Tancredo Neves colocaram-no no posto, mas foram tantas as circunstâncias e fatores conjugados que não há como deixar de se acreditar na influência dos deuses.

Intellectual, Sarney sabe que os deuses,

como nas tragédias gregas, elevam os homens mas para perdê-los, quase sempre. E o sentido amargo-irônico do teatro grego e da vida. Sua inesperada ascensão à Presidência da República pode ser, na verdade, o início de seu desespero, o desencadear das tormentas sobre uma existência venturosa, em que conseguiu, até o momento, unir o reconhecimento literário ao sucesso político, como se fosse um unglid.

Em menos de dois meses — considerando-se apenas o período posterior à morte de Tancredo Neves — o Governo Sarney já transmitiu ao País uma preocupante imagem de açodamento e indecisão que, por ser contraditória, é mais grave ainda. Mesmo reconhecendo-se a personalidade de José Sarney é forçoso reconhecer que o Governo não tem definições, navega conforme a maré. Não se sabe a que porto deseja chegar, nem que mares está singrando.

As contendas na tripulação da nau governamental são tão variadas que o barco parece girar em redemoinho. O Ministro do Planejamento recomenda baixar os juros, os técnicos do Banco Central se opõem e fazem insinuações perigosas, mas todos continuam no cargo. Os ministros discutem em torno das greves prejudiciais à economia, mas tudo parece solucionado com a redação de um projeto que não chega ao Congresso.

As mordomias tornam-se o principal inimigo público e sua extinção é anunciada com fogos de artifício para mostrar a austeridade pública, mas acabam sendo prorrogadas por motivos especiais. O ministro proclamava demagogicamente a reforma agrária, dando prioridade às terras em confronto, com o que incentiva a desordem, mas será como ministro que deporá perante a Justiça do Pará sobre a desapropriação da Gleba Aurá.

O presidente Sarney tem de resolver como ficará na História. As fotografias com crianças não servem nem para álbuns de recordações, se repetitivas.

JOÃO EMILIO FALCÃO